



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO

Por absoluta falta de espaço, somos forçados a retirar deste número o folheto «Os Cavaleiros do Nevoeiro» e alguns artigos que nos foram remetidos pelos nossos prestantes colaboradores. Serão publicados na próxima semana.

Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Roca / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA.

NISA PROGRESSIVA

Pelo Dr. Dias Loução

Nesta áncia febril de melhoramentos de toda a ordem que o Estado soube despertar por toda a parte, Nisa é, incontestavelmente, uma das terras de Portugal que mais tem progredido.

Nunca é de mais acentuá-lo: desde há cerca de quinze anos que a notável vila, porta cimada do Alto-Alentejo, entrou numa fase de intenso progresso.

Viu iluminados a jorros de luz eléctrica, os seus recantos medievos e as suas amplas ruas modernas. Viu renovados os pavimentos dos seus largos e suas principais, com um empenhamento verdadeiramente cidadão.

Viu os seus habitantes prouvemente abastecidos de água boa e abundante, como nenhuma outra terra destas redondezas presentemente tem a felicidade de possuir. Viu saneadas as suas principais artérias com uma canalização subterrânea de exgotos que obedece às mais modernas exigências destes serviços — obra que não está à vista, mas cujos altos benefícios higiénicos todos sentem e reconhecem.

Viu restituído à traça primitiva o lindíssimo conjunto da porta dionisina que do moderno trabalhe dá passagem para a arte caracteristicamente medieval da vila. — sumptuoso e magnífico pórtico, que é verdadeiramente uma joia de arquitectura militar medieval, com seu amplo arco ogival, de sólidos blocos de granito, engastado entre duas fortes torres quadrangulares de silharía que em remotos tempos de lutas épicas, protegiam a entrada para o velho burgo contra as arremetidas do inimigo.

Viu substituído o seu velho teatro por um teatro novo, no mais desafogado local, com uma feição nitidamente moderna e uma esplêndida sala de espectáculo, a maior, a mais ampla destas redondezas, que em permitido a realização, em Nisa, de magníficas sessões culturais, — representações, festas, concertos e conferências a todos os títulos interessantes.

Viu instalar-se e funcionar com elevado número de estudantes, da terra e de fóra, o seu Colégio Condestável, cujos professores não se poupam a esforços para dar aos alunos a preparação exigida pelos programas do ensino liceal, — instituição de aperfeiçoamento cultural que deve ser acarinhada e prestigiada por todos os nisenenses.

O extenso Rossio, sumptuosamente de visitas da vila, com a velha Alameda nele incorporada, que poderá transformar-

—se num belo e sombreado parque de verão, — viu-o aformoseado com um virente e amplo jardim de talhe moderno, onde há largos arruamentos, caprichosos de torcicolados meandros, e recortados canteiros de flores e arbustos verdejantes, num dos quais se ergue, em seu plinto de mármore, o busto dum dos nisenenses mais ilustres, — o Dr. Francisco da Graça Miguéns, antigo médico municipal, grande benemérito e homem de bem.

Mas torna-se necessário que este fecundo esforço de realizações, esta magnífica obra de melhoramentos e embelezamento, se continue com entusiasmo e sem desânimos, aproveitando-se a velocidade adquirida e a oportunidade favorável para levar a efeito novos empreendimentos de conforto, de comodidade, de progresso económico, de atracção e aformoseamento estético, para Nisa se tornar à terra de turismo que a sua posição geográfica plenamente justifica.

Ponto de ligação entre duas regiões de Portugal — o Alentejo e a Beira, — servida pela estrada real que a atravessa de norte a sul, e na qual há belos e extensos trechos em que o copado arvoredo regional, debruçado sobre o largo pavimento da estrada, parece cobri-lo dum tunel de folhagem que dá aos seus viandantes, nos dias ardentes do estio, a frescura consoladora da sua sombra; — estação de passagem no caminho mais curto entre as capitais dos dois países peninsulares; — Nisa está destinada a ser visitada por numerosos turistas.

E estes não deixarão de apreciar os produtos das indústrias locais, desde os artísticos barrocos pedrados, típicos exemplares de verdadeira arte popular, espontânea e simples, até aos caprichosos alinhavados e rendas de bilros, feitos pelas hábeis mãos das mulheres de Nisa, e desde os famosos laticínios de justificada reputação em todo o País, até às saborosas carnes de enchido e aos magníficos vinhos de pasto, leves, palhetes e bem apaladados.

Prossiga-se, pois, na obra já levada a tão grande grau de adiantamento, dotando-se a vila de novos melhoramentos, novos motivos de embelezamento, entre os quais há um que sobrepõe a todos, — a estátua do bom rei D. Diniz, fundador de Nisa. E não se esqueçam também os estabelecimentos de assistência social, fonte de progredimento material e moral.

Estagnar é morrer. Não se deixe Nisa possuir da indiferença e do marasmo esteriliza-

Palavras que não esquecem

Uma carta amabilíssima do nosso presado assinante, Sr. Francisco da Graça Bagulho.

Lisboa, 5 de Agosto de 1945.
Ex.º Senhor

Foi com verdadeira alegria que li o n.º 2 do «Correio de Nisa» que tiveram a amabilidade de me enviar.

Finalmente, a nossa terra tem um jornal!

São precisas uma grande soma de energias, muita carolice e muita paciência, para, nos tempos difíceis que vão correndo, meter ombros a uma tal empresa!

Admiro a vossa coragem porque sei, por experiência própria, quanto isso custa, pois, ajudei a fundar um jornal de classe que conta hoje quasi quinze anos de existência, e nele colaborae escrevendo artigos vários, revendo provas, criando e orientando uma secção poética etc., etc., até que, há pouco tempo, a minha saúde e as minhas ocupações, me obrigaram a deixá-lo.

Conheço por consequência, muito bem, todos os escolhos com que terão de haver-se, desde a estúpida impertinência do grafomaníaco pretendendo, á viva força, impigir-nos os seus escritos quasi sempre destituídos de qualquer mérito, mas que ele julga superiores no conceito e moldares na forma, até á enervante preocupação das dificuldades financeiras.

Vai ter, com certeza, muitas arrelias, muitas desilusões, muita maçada, mas, o objectivo que se propoz alcançar é altruista; por isso, torna-se absolutamente necessário que a vossa esplêndida iniciativa não morra cedo como costuma acontecer a todas as coisas boas.

Para a frente pois, e nada de desânimos!

Termino desejando-vos muitas felicidades, e uma vida longa e próspera ao «Correio de Nisa».

FRANCISCO DA GRAÇA BAGULHO

Gazetilha

Maravilha nunca vista, que do mundo a marcha acerta, foi agora descoberta, por uma lei cientista, Sábio ladino — e artista — veio tornar a vida cómica: quando houver «coisa astronómica»

quando a «roda» desandar, basta somente empregar o remédio, a bomba atómica...
SUMATRA DE LEMOS

dores. Como dizia um grande norte-americano, «Para a frente é que é o caminho!»

Divisa sugestiva, dinâmica, que alenta entusiasmo, cria energias, fecunda esforços, remova montanhas e realiza maravilhas!



PADRE BALTAZAR DINIZ DE CARVALHO — o Romeiro da Verdade e da Justiça — que acaba de alcançar o grande triunfo moral da reabilitação de Abílio Soares da Silva — o condenado de Caxias — há anos privado de liberdade, por erro judiciário.

O Reverendo Padre Baltazar de Carvalho, Prior de Caparica, foi alvo, nessa localidade, duma imponente manifestação pública, em homenagem às suas

raras qualidades de coração e profunda avidez de justiça.

O «Correio de Nisa» associa-se, sinceramente, á vitória do bondoso Sacerdote, nosso conterrâneo.

Prof. Viriato Nunes Crespo Os Nossos Correspondentes

Este nosso ilustre correspondente em Gáfete começa com as seguintes palavras a sua primeira correspondência para o «Correio de Nisa»: «Ao iniciarmos estas despretenciosas notícias para o hebdomadário da «Côrte das Areias», cumprimentamos o seu Director».

Muito reconhecida se confessa a direcção, pela gentileza do Sr. Professor Nunes Crespo e, de igual modo, retribuimos os cumprimentos afectuosos.

Mais dois correspondentes do «Correio de Nisa» (os de Monte Claro e Gáfete) que tiveram a amabilidade de nos enviar preciosas notícias. Bem hajam.

Noé Baptista

Tivemos a satisfação de receber a visita do Sr. Noé Baptista, habil gerente do Grémio da Lavoura de Nisa.

Muito gratos pela deferência; e sempre às ordens.

Necessidades de Espírito

«Porquê, não criar uma Biblioteca Pública, a exemplo de localidades como a nossa?»

Aqui estou, de novo, nas páginas deste jornal, que é um grito da minha terra! É que há qualquer coisa dentro de mim talvez a ousadia própria da minha juventude — que me não deixa estar calado perante necessidades que precintam ser exigidas. O espírito — o próprio espírito que elas satisfarão — reclama com tanta vehemência que é quasi impossível permanecer num mutismo que, a existir, não só seria criminoso, como não remediaria nada.

Nisa — com orgulho o reconhecemos — tem sido berço de figuras prestigiosas nas letras e na ciência. Aqui nasceram pessoas cujo nome o país inteiro decorou, porque lhes reconheceu mérito e valor — aquêle valor que torna grandes os que já são enormes só por si.

Mas além disso, Nisa foi e tem sido uma colectividade onde se nota, bem nitido, o interesse pela cultura do espírito. Do mais alto ao mais baixo isso tem interessado.

É certo que o não notamos em grande maioria — o que seria para desejar — mas nem por

isso o deixamos de ver, e com satisfação, em todas as classes.

Ora porque achamos que nada se tem feito, na nossa terreno sentido de proporcionar, áqueles que o desejam, condições de aperfeiçoamento cultural e literário, reclamamos hoje a satisfação duma necessidade imperiosa — uma biblioteca pública.

Impossível? Difícil? Quem diz? Há lá agora impossíveis ou dificuldades quando eles se podem eliminar radicalmente com um pouco de boa vontade por parte dos que o podem.

Antes de tudo é preciso que não esqueçamos aquela minoria a lutar com um pouco de boa vontade por parte dos que podem.

Antes de tudo é preciso que não esqueçamos aquela minoria a lutar com esta falta sem razão de ser. É preciso que nos lembremos de que entre a legião de trabalhadores para quem todas as horas parecem ser de trabalho, há aquêle punhado que não lê porque não tem e que se tivesse sacrificaria para desejar — mas nem por

(Conclui na 2.ª página)

ANTOLOGIA

POÇO SEM FUNDO

Por Severino Barbedo

Parti de longe, muito longe, lá da extrema paragem matinal do tempo em que era moço e na estrada em que vim, juncada de alfazema, sorri de placidez e cantei de alvoroço:

Mas uma aparição com cetro e com diadema, passando-me o seu braço em volta do pescoço, por meio dos ardis dum velho estrategema, levou-me a contemplar a fundura dum poço.

Depois de lhe medir o boqueirão e o centro, curioso de ver, quis sondá-lo por dentro, deixando para trás a claridade e o mundo,

mas, por mais que o seu fim já perto me pareça, mais luz se me esvai por cima da cabeça, enquanto a escuridão me chama lá do fundo...

Necessidades de Espírito... (conclusão)

ria de bom grado uma hora do seu descanso. Tenho emprestado livros a homens que solemos, mais do que lêem e vejam depois, satisfeitos, quasi orgulhosos, só porque cumpriram um dever que impuseram a si próprios. A biblioteca da Sociedade Artística, pode verificá-lo toda a gente, é imensamente consultada, mas já não satisfaz tanta necessidade. A do Club Nisense idem.

Porque não criar, pois, uma biblioteca pública, a exemplo de localidades como a nossa?

Tenho a certeza de que todos a acolheriam de braços abertos, porque todos colheriam os seus benefícios. E muitos haveria que contribuiriam de bom grado e sem sacrifício para o seu enriquecimento!

Como seria agradável, por exemplo, nestas tardes quentes de verão, quando o trabalho exigiu durante todo o dia todos os esforços, poder consumir o crepúsculo num banco do jardim com um livro nas mãos, a enriquecer o espirito. Uma estante, num recanto do jardim, satisfaria já um pouco das tais necessidades imperiosas. Entretanto, que se não esquecesse a sala modesta, mas com condições, aquêle mínimo indispensável de livros para todos e teríamos a biblioteca, pão do espirito que é quasi sempre insaciável.

Impossível? Difícil? Quem diz? Há lá agora impossíveis ou dificuldades quando elles se podem eliminar radicalmente com um pouco de boa vontade por parte dos que podem...

E temos mais, mais necessidades do espirito, mas ficam para outra vez!

BAPTISTA ROSA

Dr. Lopes Chambel

Para Lisboa, donde seguirá, depois, para a Nazaré, partiu há dias o Sr. Doutor Lopes Chambel, distinto advogado e nosso particular Amigo. Ao Sr. Doutor Lopes Chambel desejamos férias muito felizes, bem como a sua Ex.^{ma} Esposa e Filhos.

Pedras

de um grande templo

19 de Agosto de 1808 — O conde de Castro Marim, com forças que reunira no Algarve, expulsou neste dia os franceses de Beja, apoiando o movimento de libertação de Portugal das forças invasoras ás ordens de Junot.

20 de Agosto de 1580 — D. António, Prior do Crato, Pretendente ao Trono de Portugal, é batido junto à Ponte de Alcântara, em Lisboa, pelas hostes do duque de Alba, terminando assim a resistência à usurpação de Filipe II de Espanha. D. António ainda peregrinou pelo país, conseguindo, depois de longa odisseia, passar a França. Com o auxilio inglês e francês ainda fez tentativas de reconquistar a coroa, mas foram baldados esforços.

21 de Agosto de 1515 — Conquista de Ceuta. É data que marca o inicio da Nova Era que o génio do Infante de Sagres abria ao mundo de então, enchendo o orbe com o alarido dos Descobrimientos e Conquistas que os lusos fizeram por mares ignotos e distantes paragens.

22 de Agosto de 1422 — O rei D. João I adopta em Portugal a era de Cristo em substituição da era de César, ou hispânica, ou safarense, como diziam os árabes. A diferença é de 38 anos pelo cálculo pisano, que se tiram a de César para dar a de Cristo.

23 de Agosto de 1808 — Assina-se neste dia um armistício entre o general comandante das tropas anglo-lusas, Artur Wellesley, e o general francês Junot, depois das derrotas sofridas pelo invasores na Roliça e no Vimeiro. Foi o inicio das negociações da infeliz Convenção de Sintra de 30 de Agosto depois da qual os franceses saíram de Portugal.

25 de Agosto de 1471 — Tomada de Arzila, em Marrocos por D. Afonso V - o Africano. Em vista do successo a praça de Tânger entregou-se aos portugueses.

25 de Agosto de 1949 — Dá-se em Macau o feito conhecido pela tomada do forte de Passaleão pelo bravo tenente Nicolau de Mesquita, salvando assim aquella nossa preciosa joia do Oriente de cair nas mãos dos chineses. Foi recompensado, mais tarde pelo Senhor D. Pedro V.

De Visita

Encontra-se em Nisa, de visita a sua Família e Amigos, o nosso assinante e ferrênhõ baírrista, Sr. Joaquim Pires Ramos, funcionário de Justiça, actualmente colocado em Penacova. Os nossos cumprimentos.

Albano Biscaia

Ao encontro de sua Ex.^{ma} Família, partiu para a Nazaré, onde vai passar a época balnear, o nosso muito presado assinante, Sr. Albano Biscaia. Desejamos-lhe muitas felicidades.

Uma Obra digna dos mais rasgados elogios

A Santa Casa da Misericórdia do concelho de Marvão, uma das mais antigas do País, encontra-se em franco progresso.

A actual Mesa Administrativa, de que é Provedor o Ex.^{mo} Sr. Manuel B. Vivas, tem tomado decisões de grande alcance não só para aquella Instituição de Caridade, mas também para a própria vila de Marvão e até mesmo para o concelho.

Entre essas decisões avulta a organização do cortejo das oferendas, a realizar em 8 de Setembro próximo, dia de Nossa Senhora da Estrela, Padroeira do concelho e muito venerada.

Esse cortejo, promete ser uma afirmação do interesse e gratidão da população pela admirável obra que a Mesa Administrativa tem desenvolvido, a avaliar pelo enorme entusiasmo e dedicação com que, para tal fim, trabalham, em todas as povoações, os mais abastados e os mais humildes.

Também, por iniciativa do Senhor Provedor, o serviço de enfermagem do Hospital está agora a cargo de quatro enfermeiras religiosas a quem os doentes hospitalizados e toda a população em geral não se cansam de render homenagens e louvores, pela dedicação e carinho demonstrados.

Na reunião realizada há dias, e a que assistiram além dos mesários e outros corpos gerentes, os médicos municipais, muitos irmãos da Misericórdia, e outras pessoas de alto relêvo no concelho, foi decidido por aclamação criar em Marvão o Centro de Assistência Social, com Postos em Porto da Espada, Escusa, Santo António das Arcias e Beirã.

A Santa Casa da Misericórdia, que em Dezembro último contava com mínguidos recursos, num total que não ia além de uma dezena de contos anualmente, tem hoje mais de quatro centenas de irmãos contribuintes, o que demonstra como a acção da Mesa Administrativa é bem compreendida por toda a gente.

A falta de água no MONTE CLARO

Entre outras necessidades urgentes, a falta de água está preocupando deveras os habitantes do Monte Claro.

Para remediar este precário estado de coisas, organizou-se uma comissão auguriadora de fundos, a fim de se conseguir a construção de uma fonte capaz, no local onde actualmente existe um depósito emundo, de que se abastece o povo.

Que a comissão organizada da obra não falte o encorajamento necessário, para enfrentar todas as dificuldades que possam surgir, o que só se conseguirá com o precioso auxilio da Câmara Municipal — que tantas vezes tem concorrido para obras idênticas, neste concelho.

Quem Canta...

Quem fala de mim, quem fala? Quem fala de mim, quem é? Quem fala de mim não chsga ao calcanhar do meu pé!

Festas na Póvoa e Meadas

Realizou-se no passado dia 11, na Póvoa e Meadas, a festa de Santa Filomena, Padroeira da «Associação da Doutrina Cristã». Houve missa cantada em comunhão. À noite, houve teço e sermão. No dia 15 realizou-se a festa à Senhora da Graça Padroeira da Freguesia. Houve tríduo preparatório. No próprio dia da festividade houve missa de comunhão gen. às 9 horas, e ao meio dia, missa solene e sermão, tendo sido realizado pela tarde um procissão, a que concorreram muitas pessoas da freguesia.

De Viagem

Para os Açores, onde vai buscar de licença, partiu há dias o Ex.^{mo} Sr. Leonel Gambôa Vasconcelos, acompanhado da sua Ex.^{ma} Família.

Ao digno Chefe da Secção de Finanças de Nisa e aos seus colaboradores desejamos sempre no desejo este jornal feliz viagem e as maiores prosperidades.

Em Convalescença

E' com a maior satisfação que registamos ter entrado em franca convalescença a Ex.^{ma} Esposa do Ex.^{mo} Sr. Dr. João Telo Gonçalves, depois de se se grave a que felizmente assistiu.

Manuel Fidalgo

Retirou para Lisboa o ilustre Secretário da Casa do Sr. Telo da Póvoa e Meadas, Sr. Manuel Fidalgo.

Lamentamos, deveras, o facto, pela falta que faz a esse organismo, onde sempre serviu, com muito zelo e dedicação. Desejamos-lhe as maiores venturas.

Dr. Francisco Telo Gonçalves

Este nosso presado e distinto médico em Telo encontra-se com a sua família na Praia da Nazaré, a passar a época balnear.

Notícias de Tolosa

EXAMES:—Com a mais alta classificação transitou para 4.º ano da Faculdade de Direito o talentoso estudante João Eduardo Pequeto. Cumprimos-lhe os parabéns.

Também na Escola Agrícola de Evora, no Liceu de Penacova e no Instituto Industrial de Lisboa, obtiveram bons resultados nos seus exames os estudantes, João Sequeira Paiva, João de Bastos Boin e Joaquim de Bastos. A todos nossos parabéns.

Uma obra social na FALAGUEIRA

A continuar a obra do extermoso e falecido sógros, Anselmo Patricio, o Sr. Lino Neto, está cedendo, gratuitamente, assentos para habitação, numa rua daquela povoação a que por direito, pertence a chamar-se Rua do Anselmo Patricio.

«Brados do Alentejo»

«Brados do Alentejo» settimanário de Estremoz, ao noticiário o aparecimento do «Correio de Nisa», deseja-nos um futuro largo e boa existência. Agradecemos os votos e votos dos «Brados do Alentejo» e retribuimos as suas saudações.

PE em a Nisa. o novo Ed

FÁB Campo

Licores

Telefon

Viaja

Então d

Emprêsa

Ou

João

sempre no

Ca

Francis

elefona 14

OGOS DE

ARDAGE

vapór,

ABRIGA

LAMAS v

ADARIAS

empoa

AGAR D

mem à m

troca

UTOMÓN

TAS

AVOURA

asa

raça da

azendas d

da. — M

ria e ch

sortido

Satisfaze

à

António

CEF

stampilha

argo de

asa das Mol

Joaquim

Toda a o

Mobiliás

culso.

Não cor

r esta ca

Preços s

Largo

-26-

CAS

exclusivist

«Joz

NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE NIZA A VELHA

Extraído das «LEITURAS POPULARES» de 1866

RE
ORR
ENTR
I O
JORN
EDAC
EIO
UDOS
de
E
lque
DAIS
edida
crean
balho
Pini
ERCI
Rosa
ERCE
Comp
e gôn
ualid
Alum
e carne
na R
sira 7
20
Papin
odão
DEZ
litos
is.
isso
NISE
ORRE
IRCU
AIS.
ria
DA CO
ORIA
into,
dão e
no gôn
a e ven
ura em
vidades
rato.
dir
ância
errei
fecção
ública
ROS
R A
sábado

que era da Ordem de Christo, chamado fr. Adão Diniz, pessoa nobre e rica de bens, e mais rica ainda com as rendas do seu beneficio, se deixou dominar dos vícios e se entregou aos regalos, vindo por isso a cair em pecados graves. Mas reconhecendo suas faltas, tocado da divina graça, por tal modo reformou sua vida, que deixou o mundo e tudo que n'elle possuía, entregando-se á mais austera penitencia, depois de haver renunciado nas mãos de el-rei o beneficio e de ter repartido os seus bens pelos pobres, e retirando-se a uma covã na serra de S. Miguel e alli distante uma legua.

Assim viveu algum tempo com edificação de todos que o conheciam, até que, sendo visitada aquella villa por D. fr. Amador Arraes, bispo de Portalegre, este lhe commutou o voto, que aquelle fizera de assim viver, aconselhando-o que, na casa de Nossa Senhora da Graça de Niza a Velha, aonde aflua muita gente em romaria, servisse aos seus proximos, no que faria a Nosso Senhor grandes serviços.

Acceptando o conselho como preceito, para alli se recolheu, empregando o tempo em oração de dia e de noite na presença de Nossa Senhora, e com tal assiduidade, que chegara a fazer covas nos ladrilhos, em que ajoelhava, e nos de um poial, onde encostava os cotovellos, quando cançava.

Usava de muitas penitências, pão e agua era o seu ordinario alimento, quando não se deliciava com aservas do campo. Não obstante vida tão austera era tal o seu vigor e animo, que quando ia á villa pedir esmola, que quasi toda repartia pelos presos, levava ás costas um grande feixe de lenha, o qual, um dia, repartia pelos pobres e doentes do hospital, e, no outro, pelos presos da cadeia. Sempre que era procurado, acudia prompto ao confectionario, passando alli muitas vezes, desde a luz da manhã até á noite. A fama de sua virtude e santidade lhe attrahia muitas pessoas, que lhe iam pedir allivio e conselho.

Em sua morte se mandou enterrar no adro da igreja, e na campa rasa se via o habito de Christo e este epitaphio:

Aqui jaz frei Adão Diniz

Os beneficios recebidos por intervenção de Nossa Senhora da Graça, e as maravilhas, que de sua intercessão se contam, transmitidas de umas para outras gerações, correm de bocca em bocca, ou são attestados pelos quadros, mortalhas e immensas offertas, que incessantemente se vêem pendentes das paredes

do templo. Do que este fôra antigamente, quasi que não há sinais. Tudo alli é ou novo, ou não muito antigo. A camara municipal, quasi sempre composta da melhor gente da terra e quasi sempre zelosa da casa d'aquella cuja administradora é, nunca tem deixado de se opor á destruidora acção do tempo, reparando as ruínas da igreja, que forma o elegante remate de um monte orlado de oliveiras, e tem a porta virada para a nova Niza, como quem está de atalaya para velar pelo seu povo.

Quando as calamidades ou necessidades communs affligem, quando falta a agua ou a secca é muita, recorrem á Senhora, e a vão buscar para o magnifico templo da igreja mariz também de Nossa Senhora da Graça. É tal a fé, que dizem nunca deixaram de ser ouvidas as preces, sendo logo despachada a petição.

A estátua da Senhora é de pedra e terá proximadamente tres palmos de altura; ainda mostra ter sido de formosa e rica escultura. Diziam alguns pintores, que a viram, que assim esta imagem, como a da Senhora dos Prazeres, foram feitas em Inglaterra, pela similitude, que tem com outras, que vieram d'aquelle reino, quando era catholico.

Em segunda feira de Paschoa vai a camara e muita gente de Niza (será raro encontrar familia, da qual não vá alguém á festa da Senhora), e outros povos em romaria, comer as suas merendas, bolos e queijadas. Dia da Senhora da Graça é chamado aquelle. Que alegria a dosromeiros todos! Em tempos mais remotos e de costumes mais puros era encantador aquelle espectáculo. O povo de Niza que não se envergonha de ser povo, que como outros, não quer fazer de senhor, deixando o seu traje tão proprio como engraçado, e tão seu que nenhum povo do paiz traja exactamente como elle, aquelle povo tão laborioso e tão bem intencionado, passa aquelle dia, como quem passa por um sonho agradável.

A meia encosta do monte, há outra igreja, que em tudo dá indícios de se conservar com os feitos e decorações primitivas, e na qual se venera outra imagem de Nossa Senhora também á qual concorrem todos os que vão á Senhora da Graça. Aquella imagem é como esta, de pedra, mas um tanto maior. Senhora dos Prazeres lhe chamam, e alguns também lhe chamam Senhora da Esperança. Sustenta em seus braços o Menino Jesus, que mostra ter um espinho n'um dos pés, e o apre-senta a sua amorosa Mãe, como quem pede que lh'o tire. Tanto

esta como a imagem da Senhora da Graça são pintadas sobre a escultura, com o ornato de estrellas e perlas de giro. Da sua origem só se sabe que é antiquissima, e se suppõe com fundamento que ambas as imagens fossem mandadas fazer por algum mestre da Ordem doa Templarios, a quem aquellas igrejas pertenciam.

Na mesma igreja se conserva a imagem de S. Thiago, montado em soberbo ginete, desde que lhe demollram a sua igreja, da qual não há já vestígios alguns. Consta contudo que a sua igreja era para a parte do sul, e por isso á porta, que por este lado, dava entrada para a villa, chamavam porta de S. Thiago.

A esta porta batera o infante D. Affonso, quando em demanda do Tejo por alli passou, e intentou tirar da villa homens e mantimentos para sustentar a guerra; porém o governador, oppoz-se com decidida resistencia, recolhendo-se ao castello com os habitantes. As muralhas e o castello não poderam resistir a um assedio de oito dias. A assedio seguiu-se o assalto, no qual pereceu ou perdeu a liberdade a maior parte dos bravos defensores, e a povoação depois de saqueada e roubada, foi abandonada aos horrores de um incendio ficando completamente arrasada. Mas el-rei D. Diniz não quiz deixar sem premio tanta lealdade e coragem havida contra as exigências de D. Affonso. Por isso, sem embargo de andar envolvido em tantos e tão serios negocios, determinou por carta regia que se fundasse a Niza nova no valle do Azambujal, em sitio mais ameno, fértil e delicioso, junto do castello de Ferron, que era dos Templarios que o habitavam, e da Torre de João Vaqueiro, que era das mais altas da Peninsula e havia sido fundada pelos romanos, e proximo de um convento da ordem de Santo Agostinho, habitado por quatro monges. (2).

«Fr. Lourenço Martins, que, com os seus cavalleiros lhe fizera grandes serviços no cerco de Portalegre» foi o incumbido da direcção da obra, que medrou a olhos vistos; e em pouco tempo a nova excedia em tudo a velha Niza. E, como bem poucas terras, parece aquelle todo, circundado de muralhas, uma obra traçada de plano, embora haja algumas tortuosidades nas ruas. O magnifico e soberbo castello, com toda a cidadella, que dominavam toda a villa do poente para o nascente desapareceu. As muralhas mais bem acabadas, que temos visto tem servido de pedreiras, embora difíceis, d'onde se tem extrahido pedra para outras o-

bras.

«É notável a carta regia de D. Diniz para o senado da nova villa, censurando-o pelo seu desgoverno e pouca economia.

«Vi a vossa carta, diz o rei, e estranho muito que, tendo-vos remettido ha pouco seis mil réis para a edificação dos muros, me digais na vossa, que já se gastou esse dinheiro; ahi vão pois mais dois mil réis, e continuem as obras sem cessar.»

E continuaram, porque seis annos depois estava tudo acabado, e a igreja dos Templarios convertida em matriz e freguezia da nova povoação, onde elles officlavam e parochiavam simultaneamente.

A nova Niza tem florescido sempre, como floresce ainda hoje. Sendo pequeno o seu recinto de muralhas, occupa hoje uma área tres ou quatro vezes maior que a primitiva, pois a povoação saindo pela Porta da Villa se tem ido estendendo progressivamente, e assim continuará até lhe chegar a sua declinação.

A Niza velha, de vez em quando, dá signaes de si ao arado ou ao alvião, que lhe rompe os alicerces, que se acham soterrados. Haverá vinte annos que se encontrou porção de trigo, ainda bem configurado, mas que se desfez ao primeiro contacto.

(1) Fr. Agostinho de Santa Maria, «Sanctuario Mariano», pag. 392.

(2) Segundo a opinião do sr. dr. Diniz da Graça, amador e conhecedor de antiguidades, a Niza velha foi victima do assalto dado por D. Affonso, por se conservar a villa fiel a el-rei D. Diniz. Não pareça pois que em nós ha contradicção; emitimos as duas opiniões, julgando porventura, mais verosimil a do sr. Dr. Diniz da Graça.

VISITA NISA?
Não hesite!
Instale-se na:
«Pensão Central»
Cozinhados alentejanos
(assado e preços módicos)
Praça da República, 120

A. Sancho Clemente
Agente da «Sociedade Portuguesa de Seguros» — Seguros e Representações
LARGO DE CAMÕES, 1 — C. B. — 125

PORTALEGRE
LEIAM NA 7.ª PÁGINA O ANÚNCIO DA
«Casa Victória»